

O LUGAR DA EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA

DAS PRÁTICAS E DOS
INTERVENIENTES
NUM MUNDO EM
(TRANS)FORMAÇÃO

Sara Mónico Lopes, Jenny Sousa
(Coordenadoras)

O LUGAR DA EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA

O LUGAR DA EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA, DAS PRÁTICAS E DOS INTERVENIENTES NUM MUNDO EM (TRANS)FORMAÇÃO

COORDENAÇÃO

Sara Mónico Lopes, ESECS, CI&DEI, CICS.NOVA.IPLeiria, Politécnico de Leiria, Portugal, Ciência ID -3517-B12B-D0F3; ORCID ID 0000-0002-6607-9677

Jenny Sousa, ESECS, CICS.NOVA.IPLeiria, CI&DEI, Politécnico de Leiria, Portugal, Ciência ID -D718-1B53-F947; ORCID ID 0000-0003-1626-6746

REVISÃO CIENTÍFICA

Esta edição foi sujeita a revisão científica por pares:

Albertina Oliveira – Universidade de Coimbra, Portugal

Alberto Melo – APCEP, Portugal

Carla Freire – Instituto Politécnico de Leiria, Portugal

Catarina Paulos – Instituto de Educação da Universidade Lisboa, Portugal

Fernando Magalhães – Instituto Politécnico de Leiria, Portugal

Paula Ferreira – Instituto Politécnico de Leiria, Portugal

Eva Navarro – Universidade de Valladolid, Espanha

Johannes Doll – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Loiane Orbolato – Universidade Estadual Paulista, Brasil

Isabel Beato – Instituto Politécnico de Leiria, Portugal

Sílvia Parreiral – Instituto Politécnico de Coimbra, Portugal

Sofia Silva – Instituto Politécnico de Coimbra, Portugal

Rui Fonte – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal

Biblioteca Nacional de Portugal – Catalogação na Publicação

O LUGAR DA EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA

O lugar da educação ao longo da vida : das práticas e dos intervenientes num mundo em (trans)formação / coord. Sara Mónico Lopes, Jenny Sousa. – 1ª ed. – (Fora de coleção)
ISBN 978-989-40-0790-6

I – LOPES, Sara Mónico

II – SOUSA, Jenny

CDU 37



Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto Ref^o UIDB/05507/2020. Agradecemos adicionalmente ao Centro de Estudos em Educação e Inovação (CI&DEI) e ao Politécnico de Leiria pelo apoio prestado.

**O LUGAR DA
EDUCAÇÃO AO
LONGO DA VIDA**
DAS PRÁTICAS E DOS
INTERVENIENTES
NUM MUNDO EM
(TRANS)FORMAÇÃO

Sara Mónico Lopes, Jenny Sousa
(Coordenadoras)

NOTA INTRODUTÓRIA

Vivemos numa era em que as sociedades se digitalizam e as aprendizagens se (re)constroem em todas as idades e gerações. As características destes tempos exigem-nos uma formação ao longo da vida, contínua, informada, para fazer face à desatualização permanente, imposta pelas mutações rápidas da tecnologia, que impacta nos contextos profissionais e sociais. À dinâmica global e multifacetada, a que nos referimos e que tem recebido o nome de globalização, são apontadas diversas consequências centradas, entre outras, nas formas de produção, nos avanços tecnológicos, nas alterações dos modos de vida, nas interações sociais, na comunicação e na participação nas comunidades de pertença. O conhecimento passou a ser considerado um bem indispensável na vida pessoal, social e económica dos indivíduos.

No entanto, nem todos têm as mesmas oportunidades de acesso a esse bem e nem todos o entendem como um elemento empoderador para si e para o contexto onde vive. Partimos da assunção de que a aprendizagem é um meio de emancipação dos indivíduos, fornecendo-lhes ferramentas para melhorar as suas vidas, assim como à sociedade onde se inserem.

A educação de adultos, como componente da educação ao longo da vida, tem-se assumido como um campo privilegiado de intervenção e capacitação pessoal e social, visando que os indivíduos, independentemente da origem social, da idade e das habilitações possam participar ativamente nos seus contextos. Apresenta-se como um pilar importante para a concretização de sociedades e comunidades que fomentem uma cultura de educação ao longo da vida em múltiplos contextos, como preconizado

pela UNESCO. As formas e os espaços para que a educação (em todo o ciclo de vida) ocorra são múltiplas, referimo-nos a contextos escolares (e.g. de formação inicial, contínua, de qualificação profissional, programas intergeracionais), e não escolares, tal como associações locais/comunitárias ou municípios, Universidades Seniores e Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas.

Neste sentido, e pela importância que a educação assume na concretização de sociedades mais justas, mais equilibradas e sustentáveis, em linha do que é preconizado a nível europeu (UE, EAEA) e mundial (OCDE, OMS, UNESCO), reúne-se nesta obra um conjunto de 15 textos, sujeitos a revisão cega por pares, que apresentam um conjunto de reflexões e de práticas dinamizadas em Portugal e no Brasil, cujos objetivos se centram na contribuição para uma educação que se assume de forma permanente no ciclo de vida humano.

Sara Mónico Lopes & Jenny Sousa

ÍNDICE

A EDUCAÇÃO E A LINGUAGEM ENQUANTO FERRAMENTAS DE INCLUSÃO SOCIAL – <i>Catarina Mangas</i>	11
PROJETO “DROPOUT MITIGATION THROUGH EDUCATION” – PERSPETIVAR A INTERVENÇÃO DIRIGIDA A JOVENS NEET – <i>Lúcia Magueta; Maria Manuel Cristóvão; Filipa Novo; Lara Ascenso; Margarida Dias; Michael Moncayo; Jéssica Carvalho; Sofia Teixeira</i>	27
DINÂMICAS DE PROFESSORES DE ÂMBITO FAMILIAR/INTERGERACIONAL – NO OLHAR DO SUPERVISOR – <i>Clarinda Barata</i>	43
EDUCAÇÃO, A CHAVE PARA A INTEGRAÇÃO DE REFUGIADOS E REQUERENTES DE ASILO EM PORTUGAL – <i>Débora Santos</i>	55
LITERACIA DIGITAL, ESCOLA E APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA – <i>Filipe Santos</i>	71
PROCESSOS E ESTRATÉGIAS DE EDUCAÇÃO MUSICAL AO LONGO DA VIDA: CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES – <i>Sandrina Milhano</i> . ..	87
PRÁTICAS EDUCATIVAS INTERGERACIONAIS NO PARADIGMA DE BEM-ENVELHECER: O PROJETO “CONTOS DE ORELHA A ORELHA” – <i>Jenny Sousa; Miguel Mesquita</i>	103

MEDIAÇÃO CULTURAL NA ESCOLA E NA COMUNIDADE – OU UMA OUTRA DESIGNAÇÃO PARA UNIR AS PESSOAS NA ESCOLA E NA COMUNIDADE POR INTERMÉDIO DAS ARTES – <i>Patrícia Martins</i> ..	119
CONTRIBUTO(S) DO SETOR NÃO LUCRATIVO NA APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA – O CASO DE UMA INSTITUIÇÃO DE BASE ASSOCIATIVA E COMUNITÁRIA – <i>Cezarina Maurício</i>	137
A EDUCAÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO PARA AS JUVENTUDES DE ORIGEM TRABALHADORA: NEGOCIAÇÕES DE SENTIDOS – <i>Luís Eurico Kerber; Dinora Tereza Zucchetti; Cintia de Moura Pinto</i>	155
FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA OU INCAPACIDADE: UMA OFERTA DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO AO LONGO DA VIDA – <i>Maria João Santos</i>	177
ESTUDAR E APRENDER EM ADULTO: RECONHECIMENTO E VALIDAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL – <i>José Vicente</i>	191
O PAPEL DA FORMAÇÃO A DISTÂNCIA NA EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA – <i>Susana Faria</i>	213
AS “CONVERSAS DE FIM DE TARDE”: UMA INICIATIVA DO PROGRAMA 60+ DO POLITÉCNICO DE LEIRIA NO QUADRO DA EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA – <i>Luísa Pimentel; Cezarina Maurício; Susana Monteiro</i>	229
CONTRIBUTOS DOS PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA NO EXERCÍCIO DE UMA CIDADANIA AMBIENTAL ATIVA E SUSTENTÁVEL – <i>Sónia Bento; Sara Lopes</i>	255

PRÁTICAS EDUCATIVAS INTERGERACIONAIS NO PARADIGMA DE BEM-ENVELHECER: O PROJETO “CONTOS DE ORELHA A ORELHA”

Jenny Sousa

ESECS, CICS.NOVA, CI&DEI, Politécnico de Leiria,
jenny.sousa@ipleiria.pt

Miguel Mesquita

AMITEI, ESECS, Politécnico de Leiria,
miguel.mesquita@ipleiria.pt

Resumo: O discurso da aprendizagem e educação ao longo da vida, designadamente na velhice, tem cada vez mais vigor nas sociedades contemporâneas, valorizando-se as práticas intergeracionais enquanto espaços privilegiados de aquisição contextualizada de novas competências. Fala-se, portanto, de uma educação intergeracional e dialógica, em que todos participam e onde se atende às necessidades específicas individuais e grupais. Segundo este paradigma, as práticas intergeracionais podem constituir-se numa plataforma de sensibilização e de formação de todos quantos nelas participam. Tendo estas ideias como eixo estruturador, no presente texto começa-se por discutir a perspetiva contemporânea do fenómeno da velhice e de bem-envelhecer, para a seguir se refletir sobre a educação e aprendizagem na velhice como forma de inclusão social. A seguir, debate-se a importância das práticas intergeracionais no âmbito da educação na velhice e no momento subsequente apresenta-se o projeto intergeracional “Contos de Orelha a Orelha”, na qualidade de experiência significativa, que permite uma melhor compreensão das ideias levantadas até ao

momento. Por fim, tecem-se as conclusões onde se discute a importância das relações intergeracionais de um modo geral e, mais especificamente, as que são proporcionadas pelo projeto apresentado.

Palavras-chave: educação intergeracional; bem-envelhecer; inclusão social.

Introdução

O fenômeno do envelhecimento é um tema de significativa vitalidade no contexto português, apresentando uma presença bastante considerável nas agendas políticas e nas preocupações da sociedade civil. Com efeito, é cada vez mais notória a importância atribuída às potencialidades das pessoas idosas para o desenvolvimento futuro, bem como para a evolução das comunidades, que se exprimem hoje no plural, através de múltiplas formas de relação e interação, sociais e culturais (Ferreira, 2015).

Neste cenário do envelhecimento contemporâneo, o conceito de educação e aprendizagem ao longo da vida emerge enquanto espaço privilegiado de desenvolvimento de práticas que atendem às necessidades de todas as gerações, constituindo-se num dos pilares básicos de promoção da cidadania ativa e da solidariedade intergeracional (Barros, 2020).

Considerando, com maior ênfase, as gerações mais velhas, estes contextos de educação intergeracional representam oportunidades significativas de inclusão social e de desenvolvimento das comunidades, uma vez que solicitam a participação entre gerações de modo ativo, gratificante e construtivo para todos (Martins, 2021).

Começa-se, neste trabalho, por realizar uma reflexão teórica sobre o fenômeno da velhice e de bem-envelhecer, adotando, para tal, uma perspectiva multidimensional, partindo do pressuposto de que o envelhecimento é um fenômeno marcado por fatores socioculturais e biopsicológicos, que o influenciam de diferentes formas e a vários níveis. No tópico seguinte, trazem-se a lume subsídios teóricos no âmbito da educação e aprendizagem na velhice e discute-se o seu papel na inclusão social dos mais velhos, mas também das gerações mais jovens. O terceiro ponto discute a importância

da educação intergeracional no domínio da educação na velhice, enquanto solução multidimensional inclusiva, onde cada um adquire conhecimentos, competências e atitudes ao mesmo tempo que partilha o seu próprio conhecimento com os outros. No quarto momento, faz-se a descrição de uma experiência significativa no âmbito das práticas intergeracionais, desenvolvida pela Associação AMITEI - Leiria, o projeto “Contos de Orelha a Orelha”. Por fim, como último ponto, surgem as conclusões, onde se discute a importância das relações intergeracionais de um modo geral e, mais especificamente, as que são proporcionadas pelo projeto apresentado.

1. Velhice e bem-envelhecer: uma perspetiva contemporânea

No texto que aqui se apresenta, a velhice e o envelhecimento são perspetivados numa lógica multidimensional, partindo do pressuposto de que o envelhecimento é um fenómeno que obriga a uma visão geral e integradora. Esta abordagem contempla os processos biológicos, afetivos, cognitivos e sociais (Martín, 2007; Barros, 2018, 2020) e defende que o envelhecimento é um “processo de desenvolvimento e não de estagnação ou de término da existência e das trocas sociais” (Faleiros, 2013, p. 36).

Com efeito, a complexidade do fenómeno do envelhecimento humano impõe um tratamento e uma interpretação que considera as várias vertentes da vida dos sujeitos, o que “pressupõe entender que o mesmo se desenvolve ao longo do ciclo de vida de cada indivíduo e que está sujeito a vários tipos de fatores socioculturais e biopsicológicos que o influenciam de diferentes formas e a vários níveis” (Barros, 2018, p.185). Este posicionamento está em linha com o defendido na Estratégia Nacional para o Envelhecimento Ativo e Saudável (Direção-Geral da Saúde [DGS], 2017), que preconiza a construção de uma sociedade na qual todos possam vivenciar um envelhecimento ativo digno e saudável e onde a população idosa possa beneficiar de elevados níveis de saúde, bem-estar, qualidade de vida e realização pessoal.

Assim, e tal como explica Rosanna Barros (2020), embora envelhecer seja um fenómeno inerente a qualquer ser vivo, a verdade é que no ser humano este acontecimento adquire um maior grau de complexidade

porque se interrelaciona com processos de natureza social, cultural e política, o que significa, “na nossa espécie, que se envelhece biologicamente em contexto” (p. 185).

As ideias levantadas até ao momento remetem para um entendimento holístico do processo de envelhecimento, onde se interrelacionam múltiplas características e onde a promoção da participação social da pessoa idosa é tida como fundamental. Na verdade, a qualidade de vida dos mais velhos surge intimamente relacionada com o tipo de relações estruturais e estruturantes que estes possuem. Isto significa que envelhecer com qualidade de vida pressupõe dispor de suportes que permitam às pessoas de todas as idades garantirem a realização dos seus objetivos. Neste quadro estão muito presentes as relações interpessoais (relação com outras pessoas, grupos e comunidade), o que implica a criação de ambientes físicos e sociais potenciadores da integração e da participação (DGS, 2017; Faleiros, 2013).

Conforme explica Vicente Paula Faleiros (2013), a integração e participação sociais são fundamentais na promoção da capacidade funcional e da autonomia, uma vez que

autonomia significa consciência, capacidade e possibilidade relacional para tomar decisões a respeito de si e da sua relação com o mundo, de forma interdependente, num contexto sociopolítico-cultural e como sujeito social e político, com expressão da sua voz e respeito por ela. (p.36)

Ora, dito de outra forma, a autonomia está relacionada com o controlo, e ambos são determinantes para uma boa qualidade de vida na velhice, sendo a sua ausência motivo de declínio cognitivo e funcional (Afonso, 2012). Esta interdependência entre autonomia, controlo e capacidade funcional está envolvida num contexto de relações e solidariedades, integração e reconhecimento social, com amplas repercussões no bem-estar e na qualidade de vida. Neste quadro, destaca-se a educação ao longo da vida enquanto estratégia privilegiada de integração e participação das pessoas idosas, porque permite a (re)construção de recursos emocionais e de estruturas de apoio social (DGS, 2017).

2. A educação e aprendizagem na velhice como forma de inclusão social

O acesso a experiências inovadoras e a uma cultura de educação e aprendizagem ao longo da vida apresenta inúmeros benefícios no processo de bem envelhecer (Patrício, 2018). Na verdade, as iniciativas de desenvolvimento de competências das pessoas idosas são linhas de força para a criação de comunidades potenciadoras de integração e de participação.

A inscrição teórico-conceptual desta ideia (Barros, 2020; DGS, 2017; Ferreira, 2015; Patrício, 2018) remete para o entendimento de que a aprendizagem ao longo da vida é um eixo estruturador da cidadania ativa, sendo primordial proporcionar dispositivos de aprendizagem adequados aos ritmos e disponibilidades dos cidadãos, tendo sempre presente que as competências também se adquirem em espaços não formais e informais:

É neste quadro do “aprender a ser” que estão situados os objetivos de promover, durante todo o ciclo de vida dos indivíduos, uma intervenção educacional para a promoção do envelhecimento ativo, aumentando neste processo a satisfação com a vida, que resulta, entre outros fatores, do reforço dos laços sociais entre gerações e do conseqüente incremento da participação social, cultural e económica de todos na vida coletiva e comunitária (Barros, 2020, p. 180)

Neste cenário, as pessoas idosas são as protagonistas destas dinâmicas, onde a aquisição de novas competências decorre contextualizada nas suas identidades pessoais e sociais. Com efeito, a educação que se desenvolve de e com pessoas idosas propõe uma conceção metodológica de trabalho fundamentada na interação grupal, em que os indivíduos são os principais elementos, atendendo-se sempre ao princípio da individualidade: “considerar que cada idoso tem as suas capacidades, interesses e necessidades próprias e específicas e, como tal, precisará de uma atenção particular, mesmo que esta seja dada no seio de um grupo” (Martín, 2007, p. 60). Neste desiderato, há que atender, ainda, a outros conceitos igualmente importantes: o conceito de comunidade e o de desenvolvimento comunitário, uma vez

que através das suas múltiplas formas de relação e de interação sociais e culturais, se potencia a inclusão social.

Em bom rigor, e tal como explicam Villas-Boas et al. (2016), a educação ao longo da vida vem mostrar que as formas tradicionais de educar já não são o único caminho a seguir, e que atualmente se privilegia a diversidade e a inclusão. Na realidade, hoje procura-se uma educação que parta dos contextos e das realidades específicas em que se encontram os indivíduos idosos e propõe-se um processo socioeducativo, que tem como finalidade última melhorar a qualidade de vida da pessoa (Martín, 2007).

No trabalho que aqui se apresenta, utiliza-se o conceito de educação ao longo da vida como um recurso vital fundamental para as pessoas idosas, assente numa matriz que objetiva a adaptação a novas fases da vida e a inclusão na sociedade. No fundo, falamos de um enquadramento que é humanista e solidário, inspirado na visão de construção de uma sociedade mais inclusiva e para todos (Villas-Boas et al., 2016).

A educação ao longo da vida na velhice prevê, portanto, a aquisição de capacidades que contribuam para uma maior integração, numa relação direta com aspetos do mundo social e numa lógica de pensamento ativo e construtivo. Procura a construção de desvios positivos das condições de vida das pessoas e das comunidades, nos planos pessoal, social, afetivo e de futuro, por forma a promover o exercício de uma cidadania ativa, aumentando a coesão social e os sentimentos de pertença à comunidade.

Na linha do defendido pela literatura corrente sobre este assunto (Barros, 2018, 2020; Salgado & Leal, 2015; Villas-Boas et al., 2016), entendemos a educação de adultos na velhice enquanto ações de intermediação que favorecem o desenvolvimento de atitudes e de capacidades, com vista à aquisição de competências básicas, pessoais e sociais, promotoras de cidadania participativa, através do ensino em comunidade e dos projetos de território. Dito por outras palavras, partilhamos da opinião de que a educação na velhice “tem como objetivo fundamental proporcionar elementos para a reconstrução da identidade social do sujeito, através da proposta de fórmulas de participação que deem significado [...] à vida dos idosos” (Martín, 2007, p. 63).

Assim sendo, a educação ao longo da vida reconhece como espaços de aprendizagem os contextos de educação informal e não formal, abrindo-se, portanto, um amplo universo de intervenção, com múltiplas hipóteses e opções (Salgado & Leal, 2015), onde a intergeracionalidade e a perspectiva horizontal da socialização podem deter um importante papel. Neste quadro, as dinâmicas intergeracionais podem constituir-se em ferramentas valiosas de intervenção educacional para a promoção do envelhecimento ativo e para o paradigma de bem envelhecer, aspeto que será discutido no ponto a seguir.

3. As práticas intergeracionais e a sua importância no âmbito da educação na velhice

Tendo em conta o exposto no ponto anterior, e considerando a possibilidade de desenvolvimento e proatividade durante todo o ciclo de vida, emergem, conseqüentemente, diversas estratégias de intervenção educacional para a promoção da qualidade de vida e de bem envelhecer, designadamente as práticas intergeracionais (Barros, 2020).

Falar de práticas intergeracionais implica ter em linha de conta que na nossa sociedade existem diversas gerações. Uma geração é um grupo social cujo principal elemento distintivo de outros grupos é, à primeira vista, a idade; contudo, há que ter presente que existem outros fatores que influenciam a categoria geracional, nomeadamente, a classe social, o género, o local onde se vive, sendo que a definição de geração decorre, também, de um sentimento de pertença (Ferreira, 2015).

Assim entendida, a educação intergeracional é um processo que coloca pessoas de diferentes gerações perante desafios e atividades que respondem às suas necessidades e interesses, numa relação igualitária, de tolerância e respeito mútuo, numa dinâmica de participação, cooperação, interação, intercâmbio e diálogo intergeracional (Villas-Boas et al., 2016), assente numa perspectiva horizontal das relações que são desenvolvidas (Ferreira, 2015).

Este tipo de educação pode ser desenvolvido entre indivíduos de duas ou mais gerações. Para os que estão na velhice, as práticas intergeracionais

permitem aprender com outras pessoas que detêm objetivos de aprendizagem semelhantes, enquanto se gere a própria aprendizagem. As estratégias a utilizar podem ser as que se considerarem mais adequadas, facilitando o modo como os indivíduos se relacionam uns com os outros, numa sociedade cada vez mais diversificada. Nesta equação, a educação intergeracional fornece uma solução multidimensional inclusiva, onde cada um adquire conhecimentos, competências e atitudes ao mesmo tempo que partilha o seu próprio património com os outros. Por outras palavras, todos ensinam e aprendem, simultaneamente.

Uma ideia essencial, que foi transferida do domínio da educação de adultos, prende-se com a importância atribuída à comunidade de aprendizagem, reforçando assim a ideia de que a aprendizagem entre gerações pode ter lugar nos diversos âmbitos da vida do indivíduo, inclusivamente na comunidade, e nos sistemas de educação formal, não-formal ou informal (Martín, 2007).

Um dos aspetos que mais se demarca nas práticas intergeracionais onde participam pessoas idosas, naquilo a que se pode chamar de comunidade de gerações, é o facto de estas contribuírem para a modificação de atitudes negativas perante a velhice e favorecerem um melhor entendimento intergeracional (Martín, 2007). Para além disso, estas práticas enriquecem a educogenia da sociedade e “os espaços de formação onde vivem, difundindo, não só os seus saberes antigos, os saberes resultantes das suas experiências e vivências, como aqueles que vão adquirindo nesta nova fase das suas vidas” (Salgado & Leal, 2015, p. 99).

Sabemos que a educação intergeracional não é uma ideia nova, mas só recentemente se tornou alvo de concetualização e investigação. Tomando por base o trabalho de Villas-Boas et al. (2016), que apresenta um estudo a partir de diferentes olhares e cunhagens explicativas, expomos as condições que devem ser tidas em conta para que as práticas desenvolvidas se situem no âmbito da educação intergeracional. Assim, e antes de mais, é importante estabelecer relações de igual para igual, não existindo uma relação hierárquica em que uma pessoa tenha autoridade sobre a outra – todos aprendem e todos ensinam. Nesta equação, a educação intergeracional é uma educação dialógica, em que todos participam e todos dão e recebem, atendendo-se às necessidades específicas individuais e às necessidades

grupais. Na educação intergeracional aprende-se a conhecer pessoas com outras culturas ao mesmo tempo que se aprende sobre si mesmo, materializando-se a aprendizagem na relação com o outro, numa dinâmica onde se modificam formas de pensar e de agir.

Este modo horizontal em que decorrem as práticas intergeracionais resulta num uso mais eficiente do conhecimento detido por cada pessoa e em benefícios económicos e sociais para os indivíduos e para as comunidades. Estes benefícios integram vantagens para e das pessoas idosas, nomeadamente no que se refere à coesão social, pertença e apropriação da comunidade, harmonia entre gerações e maior bem-estar para todos. Face ao exposto, partilhamos da opinião de Maria Patrício (2018) quando defende que

a educação intergeracional é uma poderosa ferramenta para responder às mudanças sociais e ao envelhecimento demográfico. As práticas educativas intergeracionais desenvolvidas em contextos socioculturais ricos e dinâmicos vislumbram-se favoráveis à aprendizagem entre gerações, à promoção das relações intergeracionais e à criação de uma sociedade para todas as idades (p. 143).

Em suma, os programas e as práticas intergeracionais representam oportunidades significativas para bem envelhecer, favorecendo a continuidade de uma vida ativa com compromissos e responsabilidades. Por serem espaços de intercâmbio e de trocas de saberes, são também contextos de convivialidade, de interajuda e de bem-estar, promovendo a construção de sociedades mais harmoniosas e mais solidárias (Salgado & Leal, 2015).

Passamos, agora, a apresentar uma experiência que consideramos significativa e que permite uma melhor compreensão das ideias levantadas até ao momento.

4. O projeto “Contos de Orelha a Orelha”

O projeto “Contos de Orelha a Orelha” é um projeto comunitário promovido pela AMITEI – Associação de Solidariedade Social de Marrazes, localizada em Leiria, que apresenta como principal objetivo o combate

ao isolamento das pessoas idosas que usufruem dos serviços da instituição, mais concretamente do serviço de apoio domiciliário e centro de dia, promovendo a socialização através da participação da comunidade. Pretendeu-se que o projeto fosse intergeracional, convidando-se toda a comunidade a participar.

O projeto teve início em abril de 2021, em pleno contexto pandémico, e ainda continua a ser realizado nos dias de hoje. Esta iniciativa é constituída por um conjunto de atividades que tem por base a seguinte premissa: através de chamadas telefónicas, fazer chegar contos, poemas, histórias, leituras, entre outros, aos clientes que estejam a usufruir das respostas sociais enunciadas acima e que residam na União de Freguesias de Marrazes e Barosa. Os telefonemas têm uma periodicidade semanal, uma duração de cerca de 15 minutos (embora o tempo possa variar significativamente de pessoa para pessoa) e são feitos por pessoas da comunidade local, que se inscreveram como voluntários no projeto. O principal objetivo é, através destes telefonemas, estabelecer uma relação de proximidade e uma ligação emocional entre o voluntário e a pessoa idosa.

Numa fase inicial, divulgou-se o projeto nas redes sociais e na imprensa local e nacional, passando-se a seguir ao recrutamento dos voluntários “contadores de histórias”, que podiam manifestar o seu interesse em colaborar através do preenchimento de um formulário *on-line*. Paralelamente, deu-se início ao processo de auscultação dos clientes da instituição relativamente ao seu interesse em participar no projeto e em receber telefonicamente um voluntário “contador de histórias”.

Depois de constituída a equipa dos contadores de histórias, passou-se à formação dos mesmos. Para esta formação foi criado um Guião do Projeto com o objetivo de informar, esclarecer e orientar os contadores de histórias relativamente aos aspetos principais do projeto. A formação, que tinha por base o referido documento, contemplava os seguintes tópicos: descrição do projeto, objetivos, duração, a importância de se assumir um compromisso com o projeto e uma explicação pormenorizada sobre o seu funcionamento, designadamente, como deveria ser feita a abordagem telefónica, de que modo a história deveria ser contada ou a partilha realizada, o que fazer após a partilha e como fomentar a conversa e a comunicação com a pessoa idosa. Foram deixados *links* e outros materiais de leitura,

que complementavam os assuntos explorados na formação. Também foi analisado o regulamento da proteção de dados.

Antes do projeto iniciar, realizou-se uma reunião, por videoconferência, para que os voluntários se conhecessem e criassem ligações entre si. Para além disso, voltou-se a fazer uma explicação do projeto e do seu funcionamento, capacitando-os para uma melhor comunicação no momento do telefonema.

Todos os voluntários receberam um e-mail com o Guião do Projeto, o *link* do formulário de proteção de dados e o *link* do questionário da avaliação da sessão de partilha/ contação de histórias. Foi explicada a importância do preenchimento do questionário de avaliação, uma vez que este será o principal instrumento para se recolher informações relativamente ao modo como decorrem as sessões, bem como, para conhecer a perceção dos voluntários relativamente a todo o processo. Assim, foi solicitado que, após cada sessão de partilha, os voluntários preenchessem o questionário, que é constituído por questões relacionadas com a duração do telefonema, os assuntos que foram abordados, como se sentiu o voluntário durante a sessão e qual a sua perceção do sentimento do idoso durante a mesma.

Na fase seguinte, e já em termos operativos, foi atribuído um ou dois voluntários a cada pessoa idosa, tendo por base a informação recolhida junto dos voluntários aquando do recrutamento, designadamente, disponibilidades ao nível de periodicidade e horários dos contactos, fazendo coincidir, ao máximo, os horários dos contadores de histórias com os dos participantes idosos. Depois de constituídas as equipas, facultou-se ao voluntário as principais informações relativas à pessoa idosa, nomeadamente: nome, dia da semana do telefonema, periodicidade do contacto, horário, número de telefone e informações importantes relativas ao estado de saúde e limitações físicas e/ou psíquicas.

O contacto telefónico é sempre realizado à hora e no dia de semana definido por ambos, para que se crie uma rotina de interação, que vai ter impacto na promoção da confiança e na construção de ligações afetivas. Para além disso, orienta temporalmente o participante idoso e possibilita a sua preparação para o momento telefónico. A contação de histórias é apenas o mote para o contacto, uma vez que o principal objetivo é que as

conversas versem sobre os assuntos que interessem aos participantes, indo ao encontro das suas necessidades e desejos.

A equipa coordenadora do projeto comunica com os voluntários através de e-mail, telefone e *WhatsApp*, tendo sido criado um grupo denominado “Partilha de Leituras”, que é utilizado para a troca de textos, *sites* e bibliografia relacionada com a contação de histórias, mas também, para partilha de eventuais ocorrências (participante idoso que não atendeu telefonema, horários que têm de ser alterados, entre outros). Quanto aos participantes idosos, a comunicação é realizada através da Técnica de Animação Sociocultural que se desloca ao domicílio, permitindo fazer a triangulação de informações entre o coordenador do projeto, os voluntários e os participantes idosos.

A avaliação do projeto é realizada em ciclos bimensais, onde são tidas em conta as informações decorrentes das reuniões com os voluntários, os dados do questionário de avaliação preenchido pelos voluntários e as opiniões dos participantes idosos, manifestadas através de entrevista semiestruturada e conversas informais realizadas ao telefone e presencialmente à Técnica de Animação Sociocultural. Os dados recolhidos são depois tratados e incorporados nas recomendações que se dão aos voluntários e na atualização das estratégias que são utilizadas, indo ao encontro das necessidades e das expectativas de todos os participantes.

Considerações finais

As práticas intergeracionais, especialmente as que são enquadradas numa perspetiva de educação ao longo da vida, podem constituir-se numa plataforma de sensibilização e de formação de todos quantos nelas participam. Tal como foi discutido nos primeiros pontos deste texto, as experiências intergeracionais ajudam a descobrir, a processar, a compreender e a partilhar a força individual e coletiva dos indivíduos, favorecendo a participação ativa ao nível do exercício da cidadania (Faleiros, 2013; Ferreira, 2015).

Procurámos, por intermédio do projeto atrás apresentado, mostrar um exemplo de como ações de intermediação entre diferentes gerações podem favorecer o desenvolvimento de conhecimentos, atitudes e capacidades,

numa lógica de inclusão social (Martins, 2021; Patrício, 2018). Na verdade, quer os participantes idosos, quer os voluntários assumem um papel ativo, numa relação igualitária de cooperação e respeito mútuo, onde se desenvolvem e compartilham competências e valores. Este projeto tem como pilar estruturante a perspectiva da educação dialógica, pois, mais importante do que dar informação é transmitir sentimentos, pensamentos e participar com os outros (Villas-Boas et al., 2016).

O projeto “Contos de Orelha a Orelha” conecta diferentes gerações, sem vínculos familiares, em torno de temas do quotidiano, favorecendo a partilha não só de diferenças, mas também de semelhanças (Martín, 2007; Villas-Boas et al., 2016). As chamadas telefónicas são um importante dispositivo de aprendizagem e interação, que se adequa às diferentes disponibilidades e ritmos dos participantes, comprovando que as competências também se adquirem em contextos não-formais (Barros, 2020; Salgado & Leal, 2015). Assim, a socialização e a aprendizagem, embora promovidas através de atividades pensadas e estruturadas, decorrem naturalmente entre pessoas de diversas gerações, numa lógica de sensibilização e de formação de todos quantos nelas participam.

Em síntese, na análise deste projeto percebemos que as experiências intergeracionais são cenários privilegiados de reforço dos laços sociais entre gerações e que, através de um processo aberto a toda a comunidade, se podem construir contextos de proximidade, fomentando a participação e a transformação pessoal e social. Neste desiderato, são retiradas sinergias das diversas características socioculturais e sociodemográficas presentes no grupo de participantes deste projeto, para que as ações desenvolvidas apor-tem significados capazes de fazer expandir o que se sabe para, a partir daí, se construírem novas aprendizagens interculturais e intergeracionais (Barros, 2020).

Referências bibliográficas

- Afonso, M. (2012). Stress, coping e resiliência em pessoas idosas. In C. Paúl & Ó. Ribeiro (Coord.), *Manual de gerontologia: aspetos biocomportamentais, psicológicos e sociais do envelhecimento* (pp.163-175). Lidel.

- Barros, R. (2018). Estratégias intergeracionais de animação socioeducativa como contributo para um envelhecimento ativo. In A. Magalhães, J. D. Pereira & M. S. Lopes (Coord.), *A animação sociocultural e a educação intergeracional* (pp. 185-193). Intervenção - Associação para a promoção e divulgação cultural.
- Barros, R. (2020). Educação permanente e intergeracionalidade: O papel transformador dos projetos de animação. *Ser social - Estado, Democracia e Saúde*, 22 (46), 171–190.
- Direção-Geral da Saúde (2017). *Estratégia nacional para o envelhecimento ativo e saudável 2017-2025*. Direção-Geral da Saúde - Portugal. <https://www.sns.gov.pt/wp-content/uploads/2017/07/ENEAS.pdf>
- Faleiros, V.P. (2013). Autonomia relacional e cidadania protegida: Paradigma para envelhecer bem. In M. I. Carvalho (Coord), *Serviço Social no envelhecimento* (pp. 35-48). Pactor.
- Ferreira, F. (2015). Educação, experiência e aprendizagem intergeracional. In J. D. Pereira, M. S. Lopes & T. Rodrigues (Coord.), *Animação sociocultural, gerontologia e educação intergeracional – Estratégias e métodos de intervenção para um envelhecimento ativo* (pp. 211-220). Intervenção – Associação para a promoção e divulgação cultural.
- Martín, A. (2007). Gerontologia educativa: enquadramento disciplinar para o estudo e intervenção socioeducativo com idosos. In A. R. Osório & F. C. Pinto (Coord.), *As pessoas idosas: Contexto social e intervenção educativa* (pp. 47-73). Instituto Piaget.
- Martins, E. (2021). Triade de análise aos paradigmas em ação sobre o envelhecer/envelhecimento: Gerontologia-intergeracionalidade-animação sociocultural. In E. Martins, J. D. Pereira & M. S. Lopes (Coord.), *Animação sociocultural, geriatria, gerontologia e novos paradigmas do envelhecimento* (pp. 175-186). Intervenção - Associação para a promoção e divulgação cultural.
- Patrício, M. (2018). Educação intergeracional no contexto sociocultural – Contributos para um bom envelhecer. In A. Magalhães, J. D. Pereira & M. S. Lopes (Coord.), *A animação sociocultural e a educação intergeracional* (pp. 141-417). Intervenção - Associação para a promoção e divulgação cultural.
- Salgado, L. & Leal, A. (2015). Educação e adultos idosos: Uma mais-valia na sociedade do conhecimento. In J. D. Pereira, M. S. Lopes & T. Rodrigues (Coord.), *Animação sociocultural, gerontologia e educação intergeracional*

- *Estratégias e métodos de intervenção para um envelhecimento ativo* (pp. 97-107). Intervenção – Associação para a promoção e divulgação cultural.
- Villas-Boas, S., Oliveira, A., Ramos, N. & Montero, I. (2016). Educação intergeracional no quadro da educação ao longo da vida - Desafios intergeracionais, sociais e pedagógicos. *Investigar em Educação*, 2 (5), 117-141.